



cinema

semanario cinematográfico

Ano 1.º
N.º 37

Preço
1\$00

A
Companhia Cinematográfica
de Portugal

Depois dos grandes exitos

Bat e Batachon musicos ambulantes

Estudante mendigo

Era uma vez uma valsa

A Condessa de Monte-Cristo

A Aventureira de Tunis

apresentará brevemente no Porto:

A Favorita do Imperador

com Lil Dagover e Otto Geruehr

e

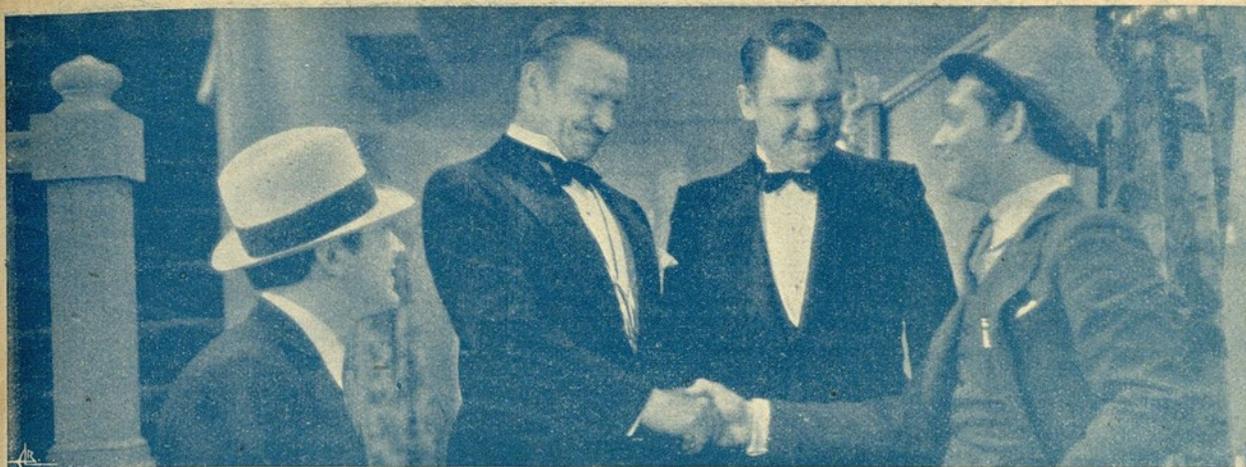
Anny na Escola

com Anny Ondra e Carl Lamac

Façam as suas marcações na

Companhia Cinematográfica de Portugal

A marca dos grandes exitos



A crítica americana considera o desempenho de Wallace Beery em "Os Seis Misteriosos" como superior ao "Butch" da versão inglesa de "O Presídio" e ao "Windy Riker" de "Titans do Ceu". Vocês, que não viram a versão inglesa de "O Presídio", podem, só pelo desempenho de Beery em "Titans do Ceu", avaliar o que será o bandido Scorpio de "Os Seis Misteriosos" interpretado por Wallace Beery. "Os Seis Misteriosos" inclui, além de Beery, Marjorie Rambeau, Lewis Stone, John Mac Brown, John Miljan, Clark Gable e a encantadora Jean Harlow.

O Cantinho dum Cinéfilo

A camarada «Imagem», nos «Comentários» do seu último número refere-se ao «Meu Cantinho» de há tempos, em que afirmava que o público quer, estrelas. Mas, nos seus «Comentários», «Imagem» deturpou, sem querer, a minha ideia.

Eu não disse que o público português «só aprecia os filmes com vedetas». Logo no começo do meu artigo escrevi: O público quer estrelas. Em boas fitas, é claro... Ora, desde que eu digo boas fitas, quero dizer, como facilmente se compreende, fitas bem feitas, mais ou menos as tais grandes fitas a que a «Imagem» alude.

Estou, pois, muito longe de afirmar que só os filmes com vedetas são êxitos seguros junto do público português. O que eu declaro é que o público, aqui como em toda a parte, entre dois filmes de igual categoria no aspecto geral da sua fatura, dá a preferência àquele em que refulgir o brilho das estrelas.

E' muito difícil poder fixar-se o que é que a maioria do público vai classificar de grandes filmes. São, sem dúvida, aqueles que ele vai ver interessado, quer tenham ou não agradado aos críticos. De maneira que, afirmando, como a «Imagem» fez, que o que o público prefere é filmes que o interessem, não se dá novidade nenhuma a ninguém e até o sr. de La Palisse era muito capaz de ter feito a similar afirmação...

■ ■ ■

O que é que a «Imagem» — pondo de parte as suas preferências cinéfilas e a sua missão orientadora, que dá aos críticos uma posição de certa superioridade em relação à generalidade do público — entende por grandes filmes, antes de serem exibidos?

Em minha opinião, se olharmos pelo lado do público, se um grande filme é um êxito comercial, só depois de exibido pode, como tal, ser classificado.

Dei dois exemplos de filmes de grande valor técnico que não interessaram o público — «Allô, Paris...» e «A Tragédia da Mina», e «Imagem» considerou-os excepções. Deixaram, pois, de ser grandes filmes sob o aspecto público. E estamos, então, num círculo vicioso: os filmes não interessam o público porque êste os não considera grandes filmes, e não o são porque não interessam o público.

Mais um exemplo: «O Tenente Sedutor» não é, sob o ponto de vista essencialmente cinegráfico, uma obra-prima. Lembro-me muito bem dele e da crítica que lhe fiz e considero-o — todos o consideram, de certo — um apreciável trabalho de Lubitsch (e o valor comercial da estrela-director também se deve ter em conta) e, sobretudo, possui perante os olhos do público, a almejada estrela: Maurice Chevallier. Daí, o êxito do filme. Ainda um outro exemplo, mas em sentido contrário, também para reforço do meu ponto de vista: «O Presídio». Trata-se incontestavelmente duma fita bem feita, que seria um grande filme... se tivesse agradado ao público. Não agradou, não caiu bem, e, em vez de ser colocado ao nível dos «Médicos e Monstros», passou para a valeta... E não venha a «Imagem» considerar «O Presídio», também, uma excepção...

■ ■ ■

E' fácil de compreender que não pretendo afirmar que o público vai atrás das estrelas, sem se importar com os restantes elementos da película. Longe disso!

Não tenho a veledade de supôr que qualquer estrela das de maior brilho, colocada num filme sem qualquer outro merecimento, vá tornar essa película um êxito comercial. Não pretendo também deixar de reconhecer o acolhimento que o público faz a muitos filmes sem estrelas (artistas pouco categorizados entre nós, algumas vezes), como «Matou», «A Oeste Nada de Novo», «4 de Infantaria», «O Médico e o Monstro», etc.

Mas tirem a «O Expresso de Shanghai» a Marlene Dietrich e o Clive Brook, substituam-nos por quaisquer ilustres desconhecidos, e digam-me depois como é que o público recebe a obra de Von Sternberg.

O que eu disse, e o que repito, é que o público prefere as boas fitas em que houver estrelas. E fitas sem estrelas, na sua quasi totalidade, não se podem classificar de grandes, senão depois de o público lhe dar o seu okay. E então, são grandes, porque deram dinheiro. Porque, se não dessem, a beleza da produção appareceria eclipsada por qualquer defeito do assunto ou pela inferioridade dos intérpretes...

Cozinheiros de Reis

por Carmen Pinillos

O príncipe Alexis, herdeiro do trono de todas as Russias, agitava-se inquieto no seu leito. O Tzar, a Tzarina, as princesas, suas irmãs, contemplavam-no angustiadas, cruzando olhares temerosos e interrogadores.

Isto sucedia alguns anos antes do advento de Lenine, no sumptuoso palácio dos Romanoff, em San Peterburgo.

Ivan Afdeef, individuo corpulento e de grandes bigodes, descrevia-me a cena na cozinha de um restaurante em Hollywood... alguns anos depois do triunfo de Lenine.

«Todos adoravam o pequeno príncipe e amimavam-no mais do que convinha — explicava Afdeef. — Durante os muitos anos que servi o Tzar Nicolau, na qualidade de «chefe», nunca passou um dia sem que algum dos membros da família imperial me pedisse certa gulozeima favorita. Para o que era nunca mo disseram, mas logo o sabia ao inteirar-me de que o príncipe herdeiro havia tido mais uma indigestão por comer demasiado».

O Tzar morreu, Alexis não existe. As joias da corôa imperial foram vendidas em hasta pública. Nessa imensa terra que a família Romanoff dominára

durante tantos séculos, não resta vivo um único dos seus membros. Alguns deles andam dispersos pelo mundo, entregues a diversas tarefas, que um príncipe ou um duque jamais sonharia desempenhar.

Hoje o cozinheiro dos tzares prepara «borsch» e outros pratos russos numa antiga casa dos arredores de Hollywood, convertida em estalagem. Serve ali homens de negócios, gente de sociedade e celebridades do «écran», tais como Joan Crawford, Clark Gable, Marie Dressler, etc. A todos proporciona certas gulozeimas que em tempos deleitaram o paladar dos soberanos no palácio de Tsorcoe-Selo.

Afdeef é um dos muitos «chefes» que em outro tempo serviram reis, duques e generais de grande renome.

A sua boa sorte permitiu-lhe unir-se ao exército de Denekin, e mais tarde, escapar-se da Rússia. Um pouco de peças de ouro, dadas do Tzar, da Gran Duquesa Maria e de outras pessoas da família real, é tudo o que conserva dos seus tempos de grande cozinheiro de todas as Russias... não falando nas suas recordações.

Noetzli, outro antigo «chefe de uma

longa lista de personalidades da aristocracia britânica, é um suíço de imponente estampa e olhos vivos, que tem agora a seu cargo as imensas cozinhas do restaurante da «Metro-Goldwyn-Mayer», onde acodem frequentemente muitas «estrelas»: Greta Garbo, Marion Davies, Robert Montgomery, Joan Crawford, Wallace Beary, Marie Dressler, etc.

Falando dos tempos em que satisfazia as predileções gastronómicas do Rei Jorge V de Inglaterra, dizia:

«O rei tinha gostos especiais. Entre os seus pratos favoritos figuravam as perdizes e os ovos de aves frias»...

Conta também uma curiosa anedota de quando era cozinheiro no hotel «Cecil», de Londres. Certo dia veio procurá-lo, muito excitado, o gerente do hotel, perguntando-lhe como poderiam satisfazer Lord Kitchner, que ceava nessa noite em um dos gabinetes privados. Lord Kitchner era muito apaixonado pelo salmão, mas afirmava que ninguém sabia prepará-lo com perfeição. Noetzli sugeriu certo método especial de o ferver, juntando-lhe logo um molho da sua invenção. Feita a prova, serviram a Kitchner o salmão assim preparado... e ficou salva a situação. Kitchner gostou!

Disse-nos também alguma coisa de Lloyd George:

«O ex-primeiro ministro tinha o costume de oferecer um jantar todas as semanas aos membros do gabinete. Era regra estabelecida, não obstante, ninguém falar de assuntos políticos antes de decorrida meia-hora após a refeição. O grande estadista sofria de indigestões, pelo que rodeava os seus repastos de toda a espécie de precauções mentais e culinárias...»

Quando Noetzli esteve em Berlim, serviu também, na qualidade de «chefe», o príncipe herdeiro da Alemanha, internacionalmente famoso como gastrónomo. E vem a seguir Takichi Kato, que foi durante quatro anos «chefe» na cozinha do Mikado.

Foi a Kato que Louis B. Mayer recorreu para que preparasse o banquete que ofereceu ha alguns meses ao herdeiro do trono japonês, o príncipe Takamatsu. Outros altos funcionários do estado e da magistratura que se contavam entre os convidados, jámais esqueceram os delicados manjares que comeram. Foi ali que a gente do ocidente, habituada a banquetes de alta sociedade, se aturdiu e se viu acometida de pânico, procurando imitar o príncipe herdeiro e a esposa no gracioso manejo dos palitos orientais.

Kato, assim como o seu colega russo Afdeef, não fala o inglês... Por intermédio de Kurolo, um intérprete que se intitulava a si mesmo um «cronista retirado», conversamos uma tar-



Esta gravura mostra a linda Jean Harlow no dia do seu casamento, partindo o queque dos noivos. Da esquerda para a direita estão: Jean Harlow, Irving Thalberg, a senhora Irving Thalberg (Norma Shearer), Moreno Bello e o noivo, o malgrado Paul Bern.

Mal diria a encantadora Jean Harlow que, poucas semanas depois da cena que esta foto representa, havia de ficar viúva!

Oh! Que viuva!...

de em um quarto isolado do seu restaurante, quando quasi todos os clientes se tinham retirado.

De meia idade, com o cabelo a começar a encanecer, Kato trazia um avental sobre os seus trajos modernos. O seu aspecto era muito diferente do humilde aprendiz de cozinheiro que nos descrevia vestindo o tradicional quimono, e mais tarde em diferente indumentária, conforme ia subindo nas filas dos artistas culinários do Mikado.

«Os dias mais difíceis — dizia — eram as quartas-feiras, em que o Mikado dava um banquete aos altos funcionários civis da capital e das provincias. Todos se reuniam, mas ninguém provava a comida enquanto não chegava Mutsuhito, o padre do actual Mikado. Os convivas levantavam-se então com precisão militar, e faziam o «saikerei» (profunda homenagem). Era um espectáculo admirável. Durante a semana serviam-se outros jantares mais pequenos aos amigos pessoais e chefes do exército e da marinha; mas o banquete das quartas-feiras era o mais importante sob o ponto de vista da cozinha imperial.

Um gastrónomo notável era o marchal Joffre, a cujo serviço esteve durante algum tempo René Murot, hoje cozinheiro de Irving Thalberg e dos seus associados, nos estúdios da «Metro-Goldwyn-Mayer».

«O general Joffre — afirma René Murot — nunca me permitia preparar uma comida para Clemenceau, Pershing ou qualquer outro estadista ou caudilho militar, antes de lhe ter mostrado o menú do dia de algum típico regimento francês. Depois de satisfeita esta exigência, ordenava-me que preparasse uma refeição de acôrdo com o tal menú. Joffre e Foch tinham gostos extremamente simples. Os menús dos regimentos não davam muita margem para um cozinheiro que se gloriasse da sua profissão demonstrar as suas habilidades».

Ivy e Harry Wilson, escritores em Hollywood, relatavam ultimamente como Henry Kuhlman, agora no café dos estúdios «RKO», descrevia no seu alemão precipitado a consternação que reinava nas cozinhas de Postdam quando o Kaiser, desdenhando um menú perfeitamente estudado para algum importante banquete insistia no seu prato favorito de carne cozida com batatas.

Todos estes cozinheiros de reis e de príncipes, de generais e de estadistas, lançam hoje mão dos seus profundos conhecimentos culinários para satisfazer os delicados caprichos das fadas do «écran»... rainhas da beleza e eleitas da glória.

Felizes as «estrélas», que podem dar-se ao luxo de confiar os seus menús a tam «eminentes individualidades». Nós, amigo leitor, temos de nos contentar com «o prato favorito do Kaiser»... ¡ E louvores a Deus!

(Tradução e adaptação de
XAVIER D'ATÃES).



Mandrágora, filha duma cortezã e dum enforcado, é a personificação do Mal. Brigitte Helm, que a interpreta com todo o seu talento, aparece-nos em «Mandrágora» na mais sedutora das vamps, o genero em que se impôs a todo o público.

Wait Disney ganha um dos **Três Companhias...** prémios da Academia

A Academia Americana estabeleceu este ano um novo prémio, destinado ao melhor filme de complemento de programa. Por telegrama acabado de receber, sabemos que esse prémio foi atribuído ao desenhador Walt Disney, pelo seu filme «Flowers and Trees», o primeiro filme de desenhos animados colorido, da série Silly Symphonies.

Walt Disney é o criador das «Silly Symphonies» e do «Rato Mickey».

«Cinema» espera poder dar no próximo número amplos detalhes sobre o que foi a reunião da Academia Americana, bem como a lista dos restantes premiados.

Um actor bastante conhecido em Hollywood, estava, desde há tempos, sem contrato. Um redactor dum jornal encontrou-o na rua, e perguntou-lhe:

- Então como vai isso?
- Bem. Muito bem.
- Já arranjou companhia?
- Nada menos de três, andam a trás de mim, respondeu o actor. A Companhia do Gás, a Companhia de Electricidade e a Companhia dos telefones...



Novo filme de Liane Haid

Liane Haid, que Lisboa viu há dias em «O Príncipe da Arcádia», vai interpretar a fita «Uma rapariga como tu», realizada por Carl Boese, com George Alexander e Fritz Kampers.

"Os Seis Misteriosos"

Produção «Metro-Goldwyn-Mayer»

PRINCIPAIS INTERPRETES

| | |
|--------------------------|------------------|
| <i>Hank</i> | John Mack Brown |
| <i>Scorpio</i> | Wallace Beery |
| <i>Newton</i> | Lewis Stone |
| <i>Anne</i> | Jean Harlow |
| <i>Peaches</i> | Marjorie Rambeau |
| <i>Mazoski</i> | Paul Hurst |
| <i>Carl</i> | Clark Gable |
| <i>Johnny</i> | Ralph Belamy |
| <i>Colimo</i> | John Miljan |

ARGUMENTO

Scorpio, Johnny Franks e Nick Mizoski negociam em álcool de contrabando. Os criminosos teem como chefe e conselheiro Newton, um advogado sem escrúpulos. A quadrilha cresce e prospera, chegando ao extremo de prejudicar gravemente os interesses de um bando rival.

Os dois bandos teem um encontro, do qual resulta a morte de um dos inimigos de Scorpio. Este mata o chefe da quadrilha adversária, e põe-se à

frente dos dois grupos reunidos. Com o auxílio do advogado, Scorpio domina a cidade, e a quadrilha unificada ganha milhões.

Hank e Carl, dois reporters, seguem a pista de Scorpio, e denunciam-no como assassino dos dois contrabandistas, mas Hank cai vítima do dever, assassinado também. Entretanto, os

grandes comerciantes da cidade unem-se para combater os criminosos, formando uma organização sob o nome de «Os Seis Misteriosos». Os detectives que formam parte dessa organização conseguem provas contra Scorpio, prendem-no e fazem-no comparecer perante o tribunal, mas o júri absolve-o. Não obstante, «Os Seis Misteriosos»

não concedem treguas aos contrabandistas, cuja perda juraram.

Não tardam a levantar-se disputas entre Scorpio e Newton, por causa da divisão de interesses, e Scorpio mais uma vez faz uso do seu revolver assassino. Morto Newton, os bandidos já não teem a defende-los a sua extraordinária perspicácia. Chega finalmente um dia em que caem em poder da justiça, tendo de pagar com a vida as suas inumeráveis infâmias.

Atravessa este entrecho um delicado fio de amor unindo dois entes superiores: o jornalista Carl e Anne, uma rapariga do café de Scorpio.



Sara auxilio do exhibidor

(Ver página 5 do n.º 34)

ANNY NO CIRCO:— Uma fita de Anny Ondra assente nos mesmos moldes das anteriores fitas da engraçada actriz. Esta, porém, valorizada por um bom desempenho de Lucien Baroux. Se a segunda metade do filme se arrasta um pouco, a primeira tem bons momentos cómicos. Falada em francês. N.º 37.

ATRAZO DO RÁPIDO N.º 13 (O):— Argumento bastante inverosímil, que não satisfaz. Charlotte Susa não tem ocasião para brilhar. Boa fotografia. Filme alemão sem grandes méritos. N.º 37.

AVENTURAS DO BUFALO BILL (As):— Com a inovação da cooperação sonora e até com certos quadros de moderno cinema, trata-se, como o título dá a perceber, duma fita de aventuras, que não está mal feita, e que fará as delícias dos apreciadores do género. Recomendável para os cinemas populares. Tom Tyler e Lucille Brown nos protagonistas. Francis Ford, Rex Bell e William Desmond tomam parte. N.º 35.

AVENTUREIRA DE TUNIS (A):— Argumento um tanto disparatado, mas cuja acção decorre quasi toda em lindos exteriores de Marselha, Nice, Cannes, Genova e Tunis, que o espectador vê com prazer. Apreciáveis momentos cómicos. Não é um filme de grande valor, mas vê-se com agrado. N.º 37.

ALMA LIVRE (UMA):— Realização teatral, com muito diálogo, que priva o filme da movimentação necessária para o tornar interessante, sob o ponto de vista cinegráfico. A maravilhosa interpretação de Norma Shearer e Lionel Barrymore, e, sobretudo, as cenas finais, salvam o filme. Falado em francês. N.º 36.

CAMPINOS DO RIBATEJO:— Um filme português, silencioso. De técnica atirizada, deficientemente continuado e montado, de fotografia irregular nos exteriores, apenas a interpretação e o facto de ser português dão ao filme algumas condições de aceitabilidade. N.º 35.

CONCERTO REAL DE SANS-SOUICI:— Fita que pode interessar aos espectadores alemães. Para o público português, apenas vale pela indumentária e pelas decorações. Acção estagnada, diálogos em abundância. Boa interpretação de Otto Gebuehr e Renate Muller, que não consegue, no entanto, dar ao filme qualidades que o recomendem. N.º 34.

CONDESSA DE MONTE-CRISTO:— Uma fita de mediano interesse, com uma boa interpretação de Brigitte Helm e Lucie Englisch. Algumas peripécias quasi-misteriosas e o nome de Brigitte Helm dão a esta fita certas qualidades comerciais. N.º 36.

DINAMITE:— Um filme que seria grande, se fosse exibido há mais tempo, no começo do sonoro. Mesmo assim, com algumas partes silenciosas, e outras faladas, não é uma fita inferior e bem se reconhece, na grandiosidade da sua realisação, que é um Cecil B. De Mille. Kay Johnson e Charles Bickford são os protagonistas. N.º 37.

DIREITO DE AMAR:— Como o anterior, um filme já antigo, que sofre as conseqüências do atrazo em que é exibido. Apenas acompanhado de musica, trata-se dum filme de Greta Garbo, de assunto discutível. Pode agradar aos admiradores da grande actriz sueca. Nils Asther e John Mack Brown tem os principais papeis masculinos. N.º 37.

EMILIO E OS DETECTIVES:— Uma boa fita, com excelente cinema. Assunto original, bem conduzido e bem interpretado por Fritz Rasp e um grupo curioso de rapazes. Não é um filme só para crianças. É uma fita para toda a gente. N.º 35.

HOMEM DE NEGÓCIOS (UM):— Douglas Fairbanks e Bebe Daniels numa fita que foge um pouco ao que Douglas nos tem habituado. Prejudicada pelo seu excessivo diálogo, esta fita possui, no entanto, algumas situações de apreço. N.º 35.

HOMEM SEM NOME (UM):— Um grande actor do teatro francês, Firmin Gémier, num entrecho bem imaginado

mas morosamente desenvolvido. A direcção de Gustav Ucicky não merece grandes elogios, e apenas a harmonia do conjunto de intérpretes e a fotografia excelente de Hoffmann dão alguns merecimentos a esta fita. N.º 36.

INGHAGI:— Um documentário sobre a África, com grandes deficiências de fotografia, mas com pormenores curiosos que outros filmes do género não nos tem apresentado. Interessa. N.º 37.

LAUREL E HARDY A FERROS:— Uma paródia a «O Presidio», que consegue fazer rir com frequência. Os dois populares cómicos Laurel e Hardy são os protagonistas. Falada em espanhol. N.º 34.

MÉDICO E O MONSTRO (O):— Um assunto discutível, com um motivo principal que desperta o entusiasmo do público. Interpretação magnífica de Fredric March e Miriam Hopkins. Fita de certo valor técnico, mas, principalmente, de extraordinário merecimento comercial, que a torna altamente recomendável para a bilheteira. N.º 36.

PAMPLINAS MILIONÁRIO:— Uma boa fita de Buster Keaton, que o público vê com grande satisfação. Momentos de muita hilaridade, sobretudo nas cenas finais, que contagiam toda a plateia. Anita Page é a rapariga. Um filme cómico que se recomenda. Falado em francês. N.º 34.

QUE RAPAZ ENCANTADOR!— Henry Garat numa fita engraçada, com música e canções em excesso, mas muitas situações divertidas, que o público vê com prazer. Meg Lemonnier é a primeira figura feminina. Falada e cantada em francês, esta fita tem condições para dar satisfação às bilheteiras. N.º 34.

SOB UMA FALSA BANDEIRA:— Das melhores fitas de espionagem que até hoje tem sido produzidas. Interesse continuo da primeira à ultima imagem. Apesar de ser falado em alemão, este filme torna-se facilmente compreensível, pela sua movimentação. A linda Charlotte Susa e o apreciado gala Gustav Froelich são os protagonistas. Uma fita que se pode exhibir sem receio. N.º 35.

SONHO DOURADO (UM):— Filme cheio de fantasia, um autêntico sonho cinegráfico. Boa realização, mas de qualidades comerciais inferiores aos principais filmes de Lilian Harvey. Henry Garat e Pierre Brasseur disputam as honras da interpretação masculina. Filme agradável, cujos nomes dos protagonistas, sobretudo o de Lilian Harvey, dão garantia de boa exhibição. Falada e cantada em francês. N.º 37.

TIGRE (O):— Curioso o entrecho deste filme, que mantém interessado todo o público. O desfecho é, por assim dizer, inesperado. Charlotte Susa e Harry Frank são os protagonistas desta excelente fita, que é de reduzida metragem mas que satisfaz a todo o público. N.º 35.

As Seis Melhores Fitas de Novembro

EMILIO E OS DETECTIVES
MÉDICO E O MONSTRO (O)
PAMPLINAS MILIONARIO
QUE RAPAZ ENCANTADOR!
SOB UMA FALSA BANDEIRA
SONHO DOURADO (UM)

As Seis Melhores Interpretações

FREDRIC MARCH em «O Médico e o Monstro»
LILIAN HARVEY em «Um Sonho Dourado»
LIONEL BARRYMORE em «Uma Alma Livre»
LUCIEN BAROUX em «Anny no Circo»
MIRIAM HOPKINS em «O Médico e o Monstro»
NORMA SHEARER em «Uma Alma Livre»

As Loiras de Hollywood são inteligentes

Sempre se disse que as mulheres loiras são levianas ou inhabeis, mas as loiras beldades do Hollywood desmentem esta corrente. As loiras de hoje não são as de ontem, não se limitando a andar com um cãozinho de regaço, fortemente perfumadas com essencia de rosas. As loiras de Hollywood percebem mais de negócios do que um bom negociante e sabem ir de um lugar para outro sem cãozinho e sem se impregnarem de perfumes delicados. São alegres e inteligentes, tam astutas como o mais hábil político e tam simpáticas e atraentes como as coristas do «Follies». Mas se olhassemos de perto o seu fisico, notaríamos que tem a mandibula tam firme e marcada como um lutador, e certo brilho nos olhos, tam inteligente e decidido, que ninguém procuraria enganá-las. E não falamos da firmeza que empregam quando andam, para não despertarmos a inveja das morenas de tódo o mundo.

Um bom exemplo de «Loira astuta» é a miuda Sari Maritza. Depois de haver feito várias películas — não muito importantes — na Europa, conseguiu um magnífico contrato nos Estados Unidos. De que processos se serviu para obter tal resultado? — perguntará o leitor. Nada mais simples. Soube que Charlie Chaplin se encontrava em Londres, onde ela vivia, e não descansou enquanto não conseguiu ser-lhe apresentada. O resto foi fácil. Sabendo que Charlot não consegue resistir aos encantos das raparigas de tempera-



Brigitte Helm e Albert Bassermann numa cena de «Mandrágora», considerada a sua melhor interpretação depois de «Metrópolis».

mento entusiasta, interessou-se por tudo quanto ele dizia. Ouvia falar de películas, de negócios e de coupons com o mesmo entusiasmo que experimentava se lhe falavam de bailes, passeios e diversões. Ora, uma mulher que sabe «ouvir» tem meio conquistado o homem que pretende atraír. É esta uma verdade como há poucas. Pelo menos, Sari colheu o melhor resultado, pois Charlot falou dela com tanto interesse a vários directores de Hollywood, que um deles decidiu contratá-la para

o seu estúdio. E Sari meteu as suas coisas numa mala e la marchou para Hollywood. A sua primeira película americana não pôde ser classificada como uma obra-prima, mas é suficientemente boa para que os seus intérpretes tenham ocasião de brilhar. Era isto, precisamente, o que Sari pretendia e o que conseguiu. O seu nome é pronunciado, dentro e fóra do estúdio, com admiração e simpatia. Hoje Sari dispõe de um grupo de amizades, alegres e interessantes, com as quais passeia a gosto, causando inveja a várias estrelas com nome feito.

Karen Morley é outra loira extremamente inteligente. Segundo a opinião de muitas pessoas, é a mais interessante de Hollywood. Até à data não pediu o único favôr no estúdio, nem fóra dele, e, não obstante, consegue sempre o que pretende. Mas o mais interessante é que nunca o seu nome andou envolvido em qualquer escândalo, nem dela se disse fosse o que fosse que pudesse prejudicá-la. Karen é uma excelente «business woman» e não perde a ocasião de o demonstrar aos directores da «Metro».

Ann Harding também sabe fazer bons negócios. Depois do seu divórcio optou por esconder-se um tanto da vista do publico. Mas isto durou apenas uma temporada, o tempo indispensável para que tódos se esquecessem do caso. Para isso adquiriu um avião e dedicou-se a «passear» pelo ar, livre de indiscretos. Mas como o avião custava uma soma considerável, combinou com os vendedores inscrever em grandes letras o seu nome na carlinga do aparelho, reclame este cujo valor reputou, precisamente, em metade da importancia do custo do aeroplano, conseguindo assim dispender apenas 50 por cento do que deveria pagar se tal acordo se não fizesse. O interessante do caso é que Ann guarda o aparelho nos



Vocês, se calhar, ainda não se identificaram bem com a beleza da Joan Bennett. Viram-na em «Chantage»? Viram-na em «A Fera do Mar»? Pois não deixem de vê-la em «Espôsas de Medicos» e digam-nos depois se não é adorável a Joaninha! Ei-la aqui numa cena daquele filme, com Warner Baxter, que está sendo um dos melhores galãs americanos.

O Cinema e o Desenho

George Fitzmaurice, que nos estúdios da «Metro Goldwyn Mayer» dirige «Mata-Hari», com Greta Garbo e Ramon Novarro como estrélas, seguiu na direcção desta película um método novíssimo, que está produzindo excelentes resultados.

Este método consiste em desenhar o argumento da película antes de principiar a filmagem da mesma. Exemplificando. Pega-se num manuscrito, divide-se em episódios e cenas, e faz-se um desenho de cada um destes episódios e de cada uma destas cenas, segundo a visão mental do director.

Fitzmaurice, que estudou pintura em Paris — sua terra natal — antes de ingressar nas fileiras do cinema, declara que o método referido constitui um guia excelente, não só para o director, mas também para os artistas, fotografos e técnicos que contribuem para a produção da película.

«Mata-Hari» consta, pouco mais ou menos, de quatorze episódios, que incluem umas cento e noventa e cinco «cenas individuais ... e cenas e episódios foram cristalizados, por assim dizer, em trezentos esboços que indicam os efeitos luminosos, a posição que deverão ocupar os actores, os angulos dos quais se tomará a fotografia e a colocação do mobiliário e acessórios.

Para a cena em que Garbo, ameaçada de ser entregue à policia, dispara contra Lionel Barrymore, foram feitos oito esboços. Esta cena, uma das mais dramáticas da película, é também uma das mais difíceis, porque, sendo rápida, o seu movimento deve, não obstante, ser apenas «indicado». Por outro lado, o exótico cenário e os

trajos dos actores — caprichosos em desenho e colorido — prestam-se a interessantes efeitos luminosos.

Os esboços são como que páginas do argumento da película. Cada um deles está marcado com o número da cena correspondente e tem indicada a acção por legendas como a seguinte: «Shubin estende a mão para pegar no telefone», «Mata abre a gaveta e pega na pistola», «Martoff beija-a apaixonadamente». A bem dizer, se não existisse o diálogo, a película poderia ser filmada guiando-se os artistas e os dirigentes apenas pelos esboços.

Os desenhos em questão não só oferecem ao actor uma visão geral da cena que vai ser representada, como são de grande utilidade para se conseguirem os efeitos fotográficos. O desenhador pôde cristalizar, num determinado número de traços, a mesma idea que um fotografo só conseguiria expressar depois de muitos dias de repetidas experiencias.

«O costume de exprimir uma idea por meio de desenhos, data, como todos sabemos, de tempos imemoriais — diz Fitzmaurice —. Até o homem moderno se serve amiudadas vezes do desenho para se exprimir. Se, por exemplo, pretendo mostrar a um amigo que tipo de residência me proponho adquirir, é-me mais simples desenhar a casa com umas tantas linhas do que exprimir verbalmente a minha idea. Foi este o mesmo sistema que seguimos em «Mata-Hari», com a simples diferença de que os desenhos foram feitos cuidadosamente, depois de análises, estudos e conferencias com o fotografo, o electricista e o cenografo.

Ao lêr o argumento, vemos a peli-

terrenos que circundam a sua encantadora residência, em um dos montes mais elevados e solitários dos arredores de Hollywood, de modo que ninguém conseguiu, até hoje, lêr o seu nome, tanto mais que a gentil artista nunca vòra sobre a cidade.

As! mais novas também teem talento. Madge Evans, por exemplo, negou-se a firmar contrato «por uma só película», embora essa película tivesse como intérprete Ramon Novarro, e como o estúdio queria que fosse ela a protagonista do filme em questão, conseguiu um contrato para seis películas. Outra loira nova, digna de ser considerada, é a deliciosa Joan Blondell. Depois de ter feito três películas, o estúdio informou-a de que ia conceder-lhe a categoria de estréla. O assombro não teve porém limites, quando Joan declarou que não aceitava, por nada deste mundo, tal honra. Não obstante, a sua resposta foi filha de um meticoloso estudo. É que, longe de se entusiasmar com o rápido acesso, Joan entendeu convenientemente esperar um pouco mais e ir certa de haver conquistado o favor

do publico, antes de tomar uma responsabilidade de tal grandeza.

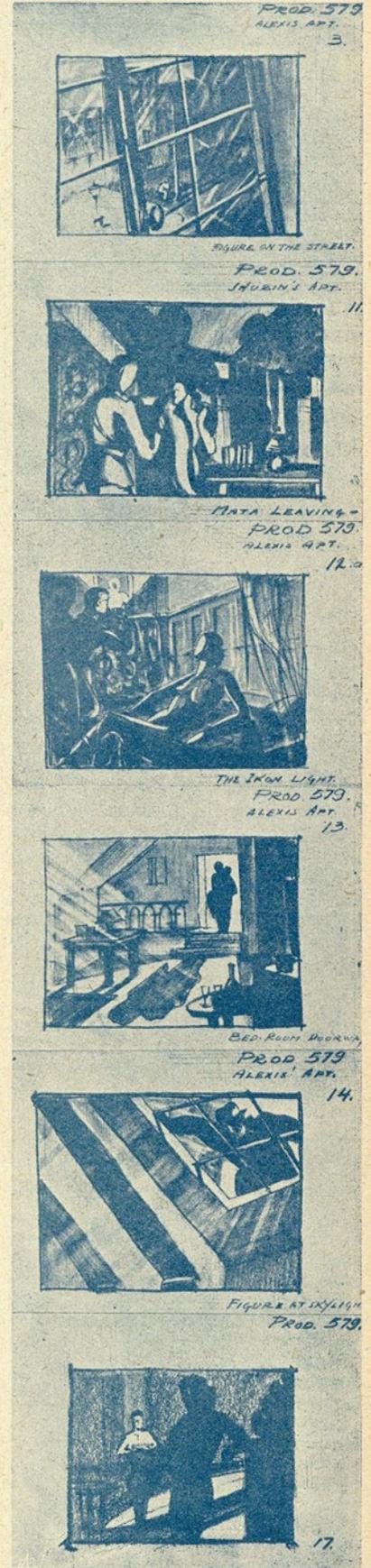
Porque será, também, que todos os directores da First National prestam atenção a Pette Davies quando esta fala? Porque cada palavra que sai dos seus lábios vale muito e até à data não prognosticou absolutamente nada que se não realizasse.

Serão por ventura «temperamentais» as loiras do nosso século?

Não, pelo contrário. Teem e empregam em todos os seus actos o máximo de senso comum, e estudam e lutam com o mesmo valor e o mesmo entusiasmo dos homens.

Norma Shearer foi a primeira mulher que demonstrou ter capacidade para combinar uma carreira com um lar. Ser mãe, esposa e actriz ao mesmo tempo é qualquer coisa que poucas mulheres teem conseguido com êxito. Mas Hollywood lucrou muito com um só exemplo. Hoje a formosa cidade conta muitas Normas Shearer.

SUSAN MASON





Em "Deliciosa" Janet Gaynor está deliciosíssima. Aqui a vemos numa cena do filme, com o seu quasi inseparável Charles Farrell. Charles Farrell está para Janet Gaynor, como o Henry Garat para a Lilian Harvey.

Dentro e Fora dos Estudios

O dr. Willi Wolff, o realizador de «A Aventureira de Tunis», vai principiar a filmagem de «Manolesco», para a «Ellen Richter Film», com Ellen Richter, cuja acção decorrerá em Londres, Paris, Nova-York, Budapeste, Napples e St. Moritz.

Na quinta-feira, 1 de Dezembro, Jesse Lasky começou a sua primeira fita para a «Fox», que levará o título «Zoo in Budapest».

A casa francesa «Pathé-Natan» vai levar ao fonocinema a obra «Casanova», que há anos foi interpretada por Mosjoukine, em filme silencioso.

Um novo cinema dos Campos Elísios, de Paris, o «Lord Byron», que vai abrir brevemente, escolheu para o programa de inauguração o filme «Monsieur Robinson Crusoe», de Douglas Fairbanks.

O escritor americano Zane Grey, autor de inumeras obras passadas no Oeste, de muitas das quais tem sido

culca na nossa imaginação... embora, como é natural, cada imagem varie segundo a psicologia do leitor. O director, pelo seu lado, não deve prender-se com a sua visão pessoal da história, contemplando esta, por assim dizer, através da lente cinematográfica.

«Dividir a história em cenas, e estudar uma por uma conscienciosamente, simplifica muitissimo o labor, que mais simples é ainda se cada uma das fases da história, tal como a concebeu o director, está claramente desenhada no papel. Com a sua carteira repleta de desenhos, a tarefa do director limita-se quasi exclusivamente a trasladar aqueles esboços para o «ecran».

tirados filmes de *cow-boys*, acaba de fundar a sua própria empresa produtora, com o capital de 3 milhões de dollars.

A nova fita de Al Jolson, intitulada «Appy Go Lucky», passou a chamar-se definitivamente «Hallelujah, I'm a Bum».

William Haines e Walter Hustons renovaram os seus contratos com a «Metro-Goldwyn-Mayer».

Lilian Roth terminou um dos papeis da fita «Women in Prison» («Mulheres na Prisão»), para a «Warner Brothers».

Richard Wallace é o realizador de «The Masquerader», que Samuel Goldwyn está produzindo com Ronald Colman, Elissa Landi e Juliette Compton.

A casa francesa «Prima-Films» vai produzir uma comédia desportiva com o título «Cinco a Zero».

Acaba de se fundar uma nova casa italiana, sob a firma «Titanus-Film», da qual é director Gustavo Lombardo.

«Os operadores sabem, com semanas de antecipação, as perspectivas e efeitos fotograficos que devem obter. O cenografo sabe de que angulos serão fotografados os seus cenarios e a iluminação que se lhes dará.

«O desenhador dos trajos adapta os seus desenhos ao «feito» ou intenção geral da cena; o fornecedor sabe quais os objectos que predominarão na fotografia, e fabrica-os ou compra-os de acordo com as conveniências.

«A maior de todas as vantagens, não obstante, é poder vê-se a cena «em conjunto» antes de ser filmada, o que a torna muito mais susceptivel de estudo.

Correspondência

DOIDO SÓ POR ELA: — Diz o director em resposta à sua pergunta, que também gosta muito da Charlotte Susa, mas não a ponto de ficar Charlottefilo de todo. Ele foi há tempos a Barcelona, e não sei o que é que viu por lá; o que sei é que, ultimamente, as Elás dêle são a Norma Shearer, a Joan Crawford e, mais do que nunca, a Janet Gaynor. Não falando das duas alemãs que a gente mal conhece: a Marianne Winkelstern e a Truus van Aalen.

«Souvent homme varie...»

VIVA A CHARLOTTE! — Viva! A sua Ela já não está na Alemanha. Agora está nos estúdios da «Metro-Goldwyn-Mayer» em Culver City, Califórnia, para onde poderá escrever-lhe. Martha Eggerth, a/c «EichbergFilm», Berlin-Charlottenburg, Giesebrechstrasse 10. Gretl Theimer, Berlin-Charlottenburg 4, Waitzstrasse 22.

Já vejo que é germanófilo.

SAUDOSO — Billie Dove fez recentemente um dos principais papeis duma fita para a «M-G-M», mas de que era protagonista Marion Davies. Depois, voltou para a «United Artists», onde se encontra e para onde poderá escrever-lhe. «United Artists Studios», 1041 N. Ferosa Avenua, Hollywood, Cal.

SÓ QUERO O CLARK GABLE — Faz muito bem, minha senhora. Isso de querer a muitos a um tempo dá sempre mau resultado. Eu bem sei o que elas tem sofrido por minha causa...

Clark Gable continua com a «M-G-M» que não o deixa, pois sabe o valor que ele representa. As suas próximas fitas serão «Puro Sangue», com Madge Evans, «Fascinação», com Joan Crawford, e «No Declive», também de Joan Crawford.

«Metro-Goldwyn-Mayer Studios», Culver City, Calif. (USA).

PRIMA DO SONOROFILISSIMO — Bravo! Continua a ler «Cinema» e já foi esta temporada ao cinema. Muito bem! Assim é que se consegue entrar no Paraíso!

Diz você que não ha cinemas de mais no Porto porque, quando lá vai, à semana ou ao domingo, estão sempre cheios! Peço perdão mas não é assim. Há muitos dias em que os cinemas nem sequer ganham para a luz electrica! Tem sido coincidência o facto de a Prima ir ao cinema e vê-lo sempre cheio.

Postais de Sylvia Sidney e de Robert Montgomery, se não há nas papelarias, tem-nos o director.

Se não sabe fazer jocheiras, o que sabe fazer em *tricot*? Gravatas cinéfilas? Já se não usam!

Filmes portugueses, estão em embrião. Quanto a «Mata-Hari», também eu estou ansioso por vê-la. E saiba que vai passar aqui inteirinha, sem nenhum corte.

Adeus, priminha! Continui a escrever. **EU SEI TUDO.**

Pelos nossos Cinemas

INGAGHI: — A África vai desvendando os seus segredos, mesmo aos europeus sedentários.

Depois de tantos documentários que de lá nos têm vindo, Ingaghi, com todas as suas deficiências técnicas, tem ainda o poder de prender o espectador pelo interesse não esgotado do assunto e pela realidade flagrante das cenas a que nos faz assistir, realidade que a sua própria imperfeição acentua, excluindo toda a possibilidade do *chiqué*.

As emocionantes caçadas aos leões e leopardos, a selvajaria de algumas tribus indígenas, a luta do homem com a força e a inteligência do gorilla e tantos outros aspectos do continente negro passam diante dos nossos olhos interessados. Pena é que as explicações verbais sejam dadas em alemão, de facto que as legendas emendam conforme podem.

Estreada no «S. João» em 28 de Novembro de 1932.

O ATRAZO DO RÁPIDO N.º 13 (D-ZUG 13 HAT VERSPAETUNG): — Um filme de acção policial, em que os atentados dum quadrilha contra uma personagem importante, dão motivo a uma série de peripécias, assassinios, incêndios, tiroteio, perseguições da policia, e por fim o castigo dos criminosos. A prejudicar o interesse pelo desenrolar da acção, há alguns episódios de carácter pouco cinematográfico como as anedotas do comissário. A fotografia, freqüentemente escura, é outro dos senões do filme, que é um complemento de programa razoável.

Nele vemos mais uma vez a loira Charlotte Susa, ainda há bem pouco tempo desconhecida para nós, mas cuja



arte sóbria e perfeita de pressa aprendemos a apreciar.

Heinz Kőnecke, etc., compoem um conjunto interpretatiao homogēneo.

Aut res: Rudolf Katscher e Egon Eis. Fotógrafo: Werner Braades. Director de som: Dr. Gerhard Goldbaum. Decoradores: W. A. Herrmann e Herbert Lippschitz. Realizador: Alfred Zeiler. Intérpretes: Dorit, Charlotte Susa; Herbert Schmitt, Heinz Kőnecke; Ella Schmitt, Fee Malten; Urban, Ludwig Andersen; Gaspar, Alfred Beckerle; Terry, Viktor Schwannecke.

Produzida em 1931 pela UFA. Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, Ltda. Estreada no «São João» em 28 Novembro 1932.

O DIREITO DE AMAR (THE SINGLE STANDARD): — Um filme «Greta Garbo», que há muito os inumeros «fans» da grande vedēta sueca tinham admirado, se ele tivesse chegado às nossas telas antes do sonoro. Assim mesmo prejudicado pela falta de actualidade da indumentaria e pelo facto de ser mudo, ēle encontrou ainda os seus apreciadores que são tōdos os da protagonista. Dá-nos ela aqui uma volúvel, irresistivel Arden, para quem



o d'reito de amar, o de amar a torto e a direito, só acaba onde o dever maternal começa.

Depois de ter trocado o noivo por um chauffeur, depois por um pintor, volta ao número um e deixa-se prender nos laços do casamento.

Então é o amor do filho que luta vitoriosamente com a possibilidade dum novo desvio sentimental, deixando o espectador convencido que esse precioso talisman assegurará definitivamente a felicidade do generoso marido que tanto a merece. Em suma, um pretexto para a querida estrēla exhibir mais uma vez, além do seu talento histórico, dum sobriedade e poder que também conhecemos, a sua graça perturbante e a sua beleza exquisita.

Tem ela como *partenaires*, que agradam também sem reservas, o seu patricio Nils Asther e John Mack Brown.

Autora: Adela Rogers St. Johns. Cenarista: Josephine Lowitt. Realizador: John S. Robertson. Intérpretes: Arden, Greta Garbo; Pucky, Nil* Asther; Mercedes, Dorothy Sebastian; Tommy, John Mack Brown; Mr. Blythe, Joel McCrea; Dig, Lane Chandler; Beechem-Deever, Robert Castle; Mr. Glendenning, Mahlon Hamilton; Mrs. Glendenning, Kathy Williams; Mrs. Hadley, Zeffie Tilbury; Mr. Barton, Youca Troubezkoj; Mrs. Barton, Bess Flower.

Produzida em 1929 pela METRO GOLDWYN-MAYER. Programa Metro-Goldwyn-Mayer Films, Lda. Estreada no «Batalha» em 29 Novembro 1932.

DINAMITE (DYNAMITE): — De

acção movimentadissima e desenrolando-se nos mais variados meios — ora entre a sociedade elegante, ora nos baixos operários, nas minas ou nas prisões — é este um excelente trabalho filmico, que agrada sem reservas, a despeito da sua falta de actualidade.

Através da grande variedade de cenas que constituem o filme — ora emocionantes (o desastre da criança ao desabar da galeria), ora dum a sóbria comicidade (a atrapalhação da cosinheira improvisada), ora aparentemente violentas, mas deixando transparecer uma pontinha de ternura — sente-se constantemente a mão de mestre que o animou.

Outro dos valores do filme é a interpretação de Charles Bickford. Perfeito, o mineiro rude, cuja rudeza encobre muita dignidade e uma grande riqueza de sentimento. Conrad Nagel acompanha-o muito bem. Só Kay Johnson, que aqui pouco mais é que nma bonequita galante, não está à altura da primeira personagem feminina do filme.

Autora: Jeanie MacPherson. Fotógrafo: Peeverly Marley. Realizador: Cecil B. De Mille. Intérpretes: Cynthia Crothers, Kay Johnson; Roger Towne, Conrad Nagel; Hagon Derk, Charles Bickford; Marcia Towne, Julia Faye; Katie Derk, Muriel McCormac; Marcia o «Sheik», Joel McCrea; outros intérpretes: Robert Edson, William Holden, Henry Stockbridge, Leslie Feunton, Barton Heppburn, June Nash, Nancy Dover, Rita Le Roy.

Produzida em 1923 pela METRO-GOLDWYN-MAYER PICTURES. Programa Metro-Goldwyn-Mayer Films, Lda. Estreada no «Batalha» em 29 Novembro 1932.

O FILHO PRODIGO (THE PRODIGAL): — É o primeiro filme sonoro em que vejo Ester Ralston, a loira escultural tam admirada no tempo do mudo, e que é ainda a mesma beleza um tanto inexpressiva, mas bastante fotogénica.

O argumento de «O Filho Pródigo» — a história do amor de dois cunhados ambos com um passado misterioso — é bastante americano, até no critério simplista que a mãe adopta na solução dum serissimo problema moral. Mas o filme, bem efabulado e conduzido, vê-se com agrado de principio a fim, tendo cenas particularmente felizes pela fantasia e movimento. Interpretação homogēnia e correcta, havendo a salientar Lawrence Tibbett que é, além de tudo o mais, um cantor de voz agradável e bem modulada.

Autores: Besse Meredith e Wells Root. Realizador: Garry Pollard. Intérpretes: Jeffrey, Lawrence Tibbett; Antonia, E.ther Ralston; Doc, Ralard Young; Snipe, Cliff Edwards; Rodman, Purnell B. Pratt; Christine, Hedda Hopper; Mrs. Farraday, Emma Dunn; Hokey, Stepin Fetchit; George, Louis John Bartels; Carter Jerome, Theodore Von Eltz; Peter, Wally Albright Jr.; Elsbeth, Suzanne Ran-ome; Naomi, Gertrude Howard; Jackson, John Larkin.

Produzida em 1930 pela METRO-GOLDWYN-MAYER. Programa Metro-Goldwyn-Mayer Films, Lda. Estreada no «Olimpia» em 30 Novembro 1932.

M A R I A I L D A

— “Eu sou Scorpio, e não me apanharão”

TONY SCORPIO, um «fôra da lei» que não conhecia o perigo nem os escrupulos, assassinára um chefe de *gangsters*, usurpára-lhe o lugar, e, com o auxílio das suas metralhadoras e das suas pistolas, era o amo e senhor duma cidade inteira. O bandido Scorpio é interpretado pelo grande actor

WALLACE
B E E R Y
em



“Os seis Misteriosos”

Um filme de GEORGES HILL
(o realizador de «Titans do Ceu»)

Produção «Metro-Goldwyn-Mayer»
do «Ano Metro»

com Lewis Stone, John Mack Brown,
Marjorie Rambeau, John Miljan, Clark
Gable e Jean Harlow



Uma fita de “gangsters”
vista do lado deles

Audacia — Emoção — Amor — Imprevisto — Romance — Heroicidade

Não é uma fita de terror — E' uma fita que impressiona,
que interessa a todo o publico



Madge Evans é uma garota interessantíssima que está caminhando a passos largos para o stardom, ou seja, que vai ser estrelada em breve, como diriam os nossos camaradas do Brasil... Madge Evans, como iamos dizendo, é um caso sério de "Puro Sangue", com Clark Gable, e de "O Filho da Índia", com Ramon Novarro.

ANNY NO CIRCO (FAUT-IL LES MARIER?):—Karl Lamac precisa de moderar um pouco a facilidade com que *manobra* as possibilidades artísticas de Anny Ondra, precisa de afastar-se dos hábitos já adquiridos pelos muitos trabalhos cinematográficos realizados em comum. Precisa, sobretudo, de importar-se mais com a qualidade do que com a quantidade, para vêr se foge um pouco às comédias excessivamente burlescas, e nos dá com mais frequência comédias, vodevilhes, ou seja o que for, tratados mais esmeradamente, assim à maneira de «Mam'zelle Nitouche».

«Anny no Circo», pela interpretação da sempre azougada Anny Ondra, sempre travessa e um tantinho exagerada, como pelo entrecho disparatado, mas agradável, assemelha-se a quasi todos os últimos filmes da estrêla checoslovaca. Mas afasta-se deles porque êste nos apresenta numa primeira figura o grande actor que é Lucien Baroux, que, com a naturalidade da sua dição e dos seus gestos, com o seu enorme talento de um dos primeiros cómicos franceses (e aqui está muito mais verdadeiro do que em «A Bela Aventura») rouba o papel a Anny Ondra e toma para si, para o seu desempenho, o grande valor de «Anny no Circo».

Legendas com espirito colaboram nos efeitos cómicos, efeitos declarada-



mente acentuados na primeira metade do filme.

Autores: H. G. Clouzot, H. Zerlett e W. Wassermann. Fotógrafo: Otto Eller. Decoradores: Hans Sohnle e Otto Erdmann. Director de som: Alfred Norkus. Intérpretes: Anny, Anny Ondra; O professor Bock, Lucien Baroux; O sábio, Charles Lamy; Miss Flora, Rachel Launey; A governante, Marcelle; Jim, J. P. Aumont.

Produzida em 1932 pela «ONDRALAMAC»-«OSSO». Programa Castelo Lopes, Lde. Estreada no «Águia d'Ouro» em 28 Novembro 1932.

A AVENTUREIRA DE TUNIS (DIE ABENTEURERIN VON TUNIS):—Ellen Richter e seu marido o dr. Willi Wolf têm a paixão das viagens, dos filmes tirados nos próprios logares ande a acção decorre.

Já há alguns anos nos deram uma fita silenciosa, de cujo nome não me lembro neste momento, para a realiza-

ção da qual precisaram de passar em Lisboa, tendo-se feito fotografar os dois principais intérpretes, Ellen Richter e George Alexander, em pleno Terreiro do Paço. Se essa pretensão de nos mostrar as cenas tiradas *sur place*, que



nos deixa vêr exteriores lindíssimos — e em «A Aventureira de Tunis» temos bons pedaços de Marselha, Nice, Cannes, Genova e Tunis, que os olhos devoram com prazer — é altamente simpática, agora no cinema sonoro apresenta a dificuldade da fonofilma-gem, porque, se a expedição não se faz acompanhar do respectivo caminhão de tomadas de sons, depois, a sonorização dos exteriores, nos estúdios, fica sempre deficiente e prejudica o valor do filme. Tal se verifica em «A Aventureira de Tunis», em que se reconhece facilmente a post-sonorização das cenas exteriores, tal a disparidade entre a natureza dos efeitos e a intensidade de sons e a realidade das cenas.

Com a preocupação única de situar o entrecho nas localidades apontadas, descuroou-se a construção do cenário, que está cheio de inverosimilhança e de situações convencionais, e vai desenvolvendo-se à maneira dos antigos filmes de aventuras. Como, porém, se verifica facilmente tal preocupação, o espectador vai-se interessando pelo desenrolar de tam preparadas peripécias, e rindo aqui e acolá com os percalços e com as caretas do gorducho Karl Huszar.

Ellen Richter e Theo Shall, que teem a seu cargo as duas principais figuras do argumento, não se evidenciam grandemente, porque a acção saltitante não lhes dá motivo para saliência interpretativa.

«A Aventureira de Tunis», que não mostra progressos na arte directiva do dr. Willi Wolff, vale pela verdade dos lindos exteriores, que o publico olha com satisfação.

Autores: Dr. Willi Wolff e Hans Rameau. Fotógrafos: Hotto Kantureck e Emil Schuenemann. Directores de som: Carlo Paganini e Dr. Bittmann. Realizador: Dr. Willi Wolff. Intérpretes: Colette, Ellen Richter; René Bertell, Teo Shall; Henry Bertell, Dr. Philipo Manning; Emil Dupont, Karl Huszar; Agath Dupont, Senta Soeneland; Valera, Ferdinand Hart; Ferrero, Leonard Steckel; A dona do coabaré, Rosa Valetti; Um commissário de policia, H. H. Schaufuss; Outro commissário, Julius Falkenstein.

Produzida em 1931 pela D. L. S. (Ellen Richter Film). Programa Companhia Cinematográfica de Portugal. Estreada no «Rivoli» em 26 Novembro 1932.

UM SONHO DOURADO (LE REVE BLOND):—Um filme de Lillian Harvey é sempre esperado com interesse, sobretudo se tem como parceiro Henry Garat. Esperado pelo público. Pelo espectador que se habituou a vê-los juntos desde o «Caminho do Paraíso» até «O Congresso que Dança», passando por «As Ordens de Vossa Alteza» e «Dois Corações a Compasso».

Por isso, quasi ia apostar em como a maior parte do público sofreu desilusão com «Um Sonho Dourado». Porque a Lillianzinha não casa com o Garat e prefere o Pierre Brasseur, um actor que só tinha visto ainda no estarola jogador de *hockey* em «Um Homem Feliz» ou no atoleimado poeta de «Quick». Talvez até o público não se sinta muito à vontade na atmosfera sonhadora de todo o filme, e preferisse obra mais positiva, mesmo a dentro dos domínios da fantasia.

Pois o critico continua a discordar do público. A obra que Erich Pommer acaba de nos dar, realizada por Paul Martin, é, cinegráficamente, das mais perfeitas que o fonocinema nos tem apresentado no género das comédias musicais, operetas e quejandas. Perfeita, porque apresenta uma ideia — *deux coqs vivaient en paix... une poule survint...* que é desenrolada sempre no mesmo ritmo de fantasia, que não se torce um único momento. Tudo é sonho em «Um Sonho Dourado», e a grande beleza da obra é o equilibrio extraordinário de tal realização, que consegue manter-nos durante perto de três mil metros numa atmosfera permanente de fantástico, de inusitado, de irreal, desde as habitações dos protagonistas à sonhada viagem a Hollywood, que é um primôr de concepção.

Dentro da fantasia, que não conhece limites, «Um Sonho Dourado» é um trabalho cinegráfico de grande valor. Comercialmente, porém, não pode nem deve ser apresentado com pretensões a eclipsar ou mesmo a igualar «O Caminho do Paraíso», que, já agora, parece ficar como patrão inabalável dos



fonofilmes musicais... O público não perdôa tam desageitadas comparações, e, sobretudo, não se amolda muito a estas obras que parecem construídas nas nùvens, mas que, na realidade, são trabalhos sólidos de inteligência filmica. Prefere obras mais positivas, e, se têm de lhe dar fantasias, inclina-se mais para o lado das *fantasias monstruosas*...

Quanto ao desempenho, se, de facto,

Na capa: — Jean Harlow, principal protagonista do filme «Os Seis Misteriosos».

Redactores:
João Santos
e Sousa Martins

Redacção e Administração:
Rua do Bom Jardim, 436-3.º
PORTO

CINEMA

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS
Continente e Ilhas:
Trimestre, 12\$00, Sem.
24\$00, Ano, 46\$00 —
Ultramar: Trimestre,
14\$50, Sem. 29\$00,
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas
da Empresa AQUILA
Rua Duque Saldanha, 312
PORTO

preferia que o argumentista mandasse para Hollywood o Pierre Brasseur e juntasse à Lilian Harvey o seu quasi inseparável Garat, disso não tem culpa alguma os artistas. Henry Garat compartilha com Pierre Brasseur das honras da interpretação masculina. Os autores assim os colocaram, e, talvez porque o Henry Garat vai partir, na verdade, para a América e a «Ufa» esteja precisada de galãs, o que se verifica é que é mais simpático e mais saliente o papel de Piere Brasseur, que se manifesta um apreciável galã, batendo aos pontos o camarada Garat... Pierre Piérade dá-nos uma boa composição do filósofo «Horriovel», mas insistiu-se demasiado na sua musicata. Claire Franconay... ó senhores produtores, esta Franconay está indesejável de tódo!... Quando a Lilian Harvey, dá-nos em «Um Sonho Dourado» uma das suas melhores interpretações. As suas já popularizadas manifestações artísticas acrescenta agora, bem vincadamente, uma nova faceta do seu talento, manifestando-nos os os seus pezares e os seus sofrimentos com boa dose de verdade, com a pureza e a naturalidade das maiores sensibilidades artísticas.

«Um Sonho Dourado» não possui as qualidades de atracção de bilheteira da maior parte dos filmes de Lilian Harvey. Mas é um trabalho fora do vulgar pelo arrojo da sua concepção e pelo equilibrio apreciável de toda a produção, dentro do mesmo nível de fantasia e de sonho.

Autores: W. Reisch e Billie Wilder. Fotógrafos: Gunther Rittau e K Tschet. Director de som: Fritz Thiery. Decorador: Erich Kettelhut. Autor musical: Werner Heymann. Realizador: Paul Martin. Intérpretes: *Jou-Jou*, Lilian Harvey; *Maurice I*, Henry Gerat; *Maurice II*, Pierre Brasseur; *O Horriovel*, Pierre Piérade; *Merriman*, Robert Hasti; *O Secretário*, Charles Redgie; *Coração d'Alcachofra*, Claire Franconay.

Produzida em 1932 pela «UFA» (Produção Erich Pommer). Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, Lda. Estreada no «Trindade» em 28 Novembro 1930.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

Em pleno exito **BOÉMIOS**

Engraçadíssima comédia inteiramente falada em espanhol com os impagáveis cómicos STAN LAUREL e OLIVER HARDY.

Uma Aventura no Mar

Drama de grande emoção com Louis Wholheim, Kal Johnson e Conrad Nagel

TERÇA-FEIRA, 13 — 2 Estreias no Porto

Campeão Audaz, com Buck Jones *Jovens Pecadores*, com Dorothy Jordan

PREÇOS POPULARES

Matinées às Quintas, Sabados e Domingos

Incontestavelmente o melhor receptor é o

MENDE

Sonora—Radio

Rua 31 de Janeiro, 190—PORTO

N.º 37

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA»

Os portadores desta senha terão o desconto de 50 % nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinées de Quinta-feira e Sabado, 8 e 10 de Dezemb.
OLYMPIA — Matinées de Quinta-feira e Sabado, 8 e 10 de Dezemb.
BATALHA — Matinées de Quinta, Sabado e Domingo (I.ª), 8, 10 e 11.
CINE-ODEON — Soirée de Sabado, 10 de Dzeembro.

IMPORTANTE. — As entradas com bonus no «Salão da Trindade» tem os seguint's limites: Plateia, 250; 2.º Balcão, 100; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.

Castelo Lopes, L.^{da}

*a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos.*

**anunciará dentro em pouco
os grandes filmes que
constituem a sua segunda
lista de produções a dis-
tribuir em 1932/33**

os senhores exibidores da provincia teem
todo o interêsse em não preencher
as suas datas sem conhecerem os filmes de

Castelo Lopes, L.^{da}